

EM BUSCA DE GUIMARÃES ROSA: O processo de construção de uma biografia

Gustavo Castro Silva

Universidade de Brasília, Brasília, Distrito Federal, Brasil

1

Resumo

O texto visa a problematizar a noção de romance-reportagem, a partir das metodologias do jornalismo literário, sobretudo àquela da complexidade e do imaginário. Trata-se de relato crítico e autocrítico da elaboração de perfil biográfico aprofundado de João Guimarães Rosa (1908-1967) a partir do acervo JGR/IEB-USP, e a constituição de uma linha do tempo do escritor mineiro a partir da documentação presente nesse mesmo acervo, mediante a correlação e reunião de dados contidos em cartas, cadernos, diários, notícias de jornais e acontecimentos públicos, profissionais e artísticos. Na reunião desses dados será analisado extensivamente também o arquivo de sua esposa, Aracy Moebius de Carvalho, como forma de aprofundar as informações biográficas relativas a Guimarães Rosa.

Palavras-chave

Guimarães Rosa. Biografia. Jornalismo.

Introdução

A elaboração de perfil biográfico¹ a partir do acervo “João Guimarães Rosa”, no Instituto de Estudos Brasileiros (IEB), da Universidade de São Paulo (USP) é uma pesquisa em curso que visa a estruturar, a partir do conjunto de dados presentes nesse Fundo, uma linha do tempo cronológica do escritor mineiro e, a partir daí, iniciar o processo de construção de biografia. Este processo de construção biográfica utilizará, para tanto, como estratégia narrativa, o gênero discursivo do romance-reportagem. Trata-se de pesquisa inédita que, ao ser concluída, ajudará na compreensão dos dados presentes no próprio Fundo JGR/IEB-USP, além da compreensão de acontecimentos históricos e políticos relacionados ao Brasil e ao mundo, ligados à vida de Guimarães Rosa. A correlação e as correspondências entre os campos da Literatura e os da Comunicação devem ser acentuados.

1 Adotaremos aqui a noção de “perfil” de Paniago (2008), que aproxima a noção à busca de marcas características de “complexidade” no perfilado.

Neste caso, além da Literatura, a Comunicação também se associa aos estudos históricos, sobretudo ao campo metodológico das Histórias de Vida. Entendemos, neste sentido, a história (o cinema, a literatura e as artes de modo geral) como partilhas, narrações, testemunho fecundo da saga humana sobre a terra. Essa visão de comunicação, que associa literatura, história, práticas jornalísticas, vincula-se, portanto, à transdisciplinaridade, que abriga, por sua vez, no entendimento do Aberto, seu princípio-chave. O “Aberto” é um conceito e uma metáfora desenvolvido por filósofos, poetas e escritores, como Heidegger (1998), Juarroz (1980), Fontela (2015), Castro e Dravet (2014). O Aberto é o campo dos possíveis e do indeterminado, zona de risco, criação e conexão. Sobre esta relação da Comunicação com a Literatura, a História, o Aberto e a Transdisciplinaridade, temos desenvolvido diversos trabalhos (2002; 2003; 2007; 2014).

O Fundo JGR possui documentos relacionados a diversos acontecimentos da vida do escritor, como a Segunda Grande Guerra, a criação do Instituto Rio Branco, a história do Itamaraty, os anos Getúlio Vargas, os anos Juscelino Kubitschek, a Academia Brasileira de Letras (ABL), a Sociedade de Geografia do Rio de Janeiro etc. Realizamos, até o momento,

levantamento e análise do material referente aos anos de 1938 até 1954, faltando ainda os anos de 1955 até 1967. Este artigo, portanto, estará centrado apenas nos aspectos descritivos, históricos e metodológicos do processo efetivado até agora, os quais reúnem o complexo das correlações real-imaginário, e de convergências entre os dados documentais e históricos e a perspectiva literária e fenomenológica/imaginária.

Começamos nossa coleta de informações no Fundo JGR/IEB-USP, a partir dos documentos datados em 1938, devido ao fato de grande massa de informações presentes no acervo ter origem justamente nesse ano. Iniciamos nossa pesquisa em 2012, com estudos dos chamados “Diários de Paris” (documento referente aos anos de 1948-51 presente no acervo), o que resultou, por fim, em 2015, na realização de pós-doutoramento no *Centre de Recherches Interdisciplinaire sur le Monde Ibériques Contemporains* – CRIMIC, da Université Sorbonne – Paris IV.

Após esse período (2012-2015), refizemos os objetivos², mantendo, no entanto, a metodologia de recorte longitudinal (levantamento e coleta de dados mês a mês, ano a ano). Em seguida, inauguramos recorte que permitiu

2 Da pesquisa restrita ao “Diário de Paris” mudamos para a reportagem biográfica.

o início da fase atual (2016-2019), que compreende as etapas de levantamento, análise e escrita dos anos 1938-1942 (período em Hamburgo – Alemanha); 1943-1947 (período em Bogotá – Colômbia e chefia de gabinete do Itamaraty); 1948-1951 (período em Paris) e 1952-1954, recentemente concluído, que compreende o período em que ele foi novamente chefe-de-gabinete do Itamaraty e escreveu *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*. Restam, agora, conclusão de levantamento e análise do período correspondente a 1955-1967, fase que coincide com os anos JK (1956-1960), a eleição e a posse de Guimarães Rosa para a Academia Brasileira de Letras (1963-67) e sua consequente morte (1967). O resultado final desta pesquisa será apresentado no formato de romance-reportagem biográfico.

O Fundo JGR

É inegável que Guimarães Rosa colocou poesia em suas obras; no entanto, quando se trata da vida do escritor, o que podemos dizer? Que imaginários carregou? De quantas personas Guimarães Rosa se ‘ocupou’? Encontramos o romancista, o médico, o diplomata, o revolucionário, o chefe-de-gabinete e quantos mais? A análise longitudinal do Fundo JGR pretende encontrar nexos e coerências para articulação e ‘montagem’ de perfil biográfico consistente e aprofundado. Tal perfil deve corresponder a levantamento histórico e jornalístico, com recortes específicos aos 1) aspectos

profissionais e institucionais (Itamaraty; ABL; Sociedade Brasileira de Geografia; relação com escritores e com o mercado editorial etc); 2) aspectos artísticos (gênese de obras; estudos; desenhos; coleções etc) e, 3) aspectos pessoais (esposa, Aracy; filhas; amigos íntimos; bichos, relacionamentos sociais, crítica e autocrítica; correspondências etc).

O Fundo JGR no arquivo do IEB contém 9.693 documentos e está organizado, a princípio, em 12 séries: 1. Atividades profissionais; 2. Carreira diplomática; 3. Correspondência; 4. Documentação póstuma; 5. Formação; 6. Fotografias; 7. Identidade Civil; 8. Literatura; 9. Relações Sociais; 10. Universo de interesses; 11. Vida doméstica e familiar e 12. Outros documentos. Em cada um dessas séries há pastas (subséries) e, dentro destas, itens. Por exemplo, na série 8: “Literatura”, encontramos as subséries: 1. Academia Brasileira de Letras (com 31 itens); Cadernos e Cadernetas (35 itens); Editora José Olympio (6 itens) e assim sucessivamente, num total de 20 subséries. Outro exemplo: na série 10: “Universo de Interesses” encontramos 39 subséries: álbuns de zoos; animais; culinária; cultura popular; dossiês sobre Cordisburgo; Coelho Neto; o município de Arinos/MG; Filatelia; Filosofia; Arte; Gado; Equinos; Gatos; Geografia; Gravuras; línguas e linguística; livros e literatura (com 485 itens); locomotivas e estradas-de-ferro; moda; música; noticiário policial (com 30

itens); reforma ortográfica; Religião e Espiritualidade (com 186 itens); Xadrez (com 100 itens) etc.

Os exemplos acima demonstram nosso problema imediato, que é o de conseguir relacionar/sistematizar e fichar a complexidade desse material dentro dos três recortes inicialmente eleitos: 1) profissional/institucional; 2) artístico e 3) pessoal. Como outros escritores, JGR costumava manter um caderno consigo, todo o tempo, para registros e notas. Há uma quantidade considerável de cadernos assim, coleções de estudos, coleções de frases e citações, pequenas cadernetas e folhas avulsas que merecem análises. Sob o olhar de observador descritivo, Rosa transcrevia suas experiências vividas, fosse na Europa, fosse no sertão de Minas Gerais ou onde quer que estivesse. Fazia anotações geralmente resumidas, de cunho pessoal, artístico ou profissional, às vezes, quase ao modo jornalístico³.

Como observador, Rosa tornava-se, de alguma forma, historiador ou antropólogo involuntário de seu tempo, pois o objetivo primeiro de suas anotações não era o registro descompromissado. O registro de um nome, uma ideia ou página de livro, configurava-se

muitas vezes uma pista a ser seguida, explorada, levantada e checada. As várias cadernetas, desta forma, (eram e) são instrumentos de trabalho e servem como léxico para o processo anterior à produção literária do escritor. O sinal “M%”, por exemplo, é recorrente nessas anotações; trata-se de sinal de diferenciação, de opinião pessoal, diante da massa de informações que ele coleta. Outros sinais e símbolos (como o do infinito), além da enorme quantidade de desenhos e recortes de jornal que surgem, mostrando, por um lado, o interesse do escritor pelas artes plásticas e, de outro, sua leitura sistemática de jornais, e a utilização destes como fontes para a criação. Todo esse material permite visualizar, a partir de uma leitura complexa e interpretativa, as práticas e os imaginários com os quais Guimarães Rosa dialogou.

A partir desse detalhamento, nossa hipótese foi a de que o melhor caminho para lidar (ou organizar) tamanha complexidade informacional seria a identificação de marcas significativas ou trajetos (íntimos e públicos) do escritor, registrados nesses mesmos cadernos, diários e cartas, ou seja, o que foi concretamente vivido pelo autor (com dados e informações) e o que foi dito, escrito ou

3 Ele chegou a escrever reportagens literárias como aquelas publicadas no *Correio da Manhã* em 1947, sob o título de “Com o Vaqueiro Mariano”, a partir de viagens que realizou ao Pantanal da Nhecolândia (MT) naquele mesmo ano.

falado por familiares, amigos ou leitores, que pudesse definir o “perfil” de Guimarães Rosa. Essa hipótese sustentou-se no fato de que a *construção de uma linha do tempo crítica* seria a melhor maneira de dar conta da complexidade do ‘personagem’.

Tal *construção* deve, necessariamente, assumir a complexidade e avançar na investigação, na direção das fases da vida do escritor, como nas relações familiares, a árvore genealógica, os registros da infância em Cordisburgo (1908-1918) a partir dos registros do tio Vicente Guimarães; a fase como residente dos frades franciscanos em São João Del Rey (1919-20); o período da adolescência, mocidade – estudante de Medicina – em Belo Horizonte (1920-29); a fase como médico em Itaguara (1930-33); o casamento com Lygia Cabral Penna, o nascimento das filhas Vilma e Agnes; a decisão de entrar para a carreira diplomática e os anos iniciais no Itamaraty (1934-38); a separação ‘informal’ de Lygia e a viagem a Hamburgo (1938-42), e assim por diante.

Esse amplo quadro, no entanto, ainda não nos permite entender as correlações pessoais, profissionais e artísticas, além da compreensão de documentos, nomes, datas etc. A pesquisa encontra imensa dificuldade devido ao alto grau de complexidade; quando decidimos, por exemplo, confrontar os dados do Fundo JGR com os quatro mil documentos do Fundo

Aracy de Carvalho (o qual é de suma importância para a compreensão do próprio Guimarães Rosa), o difícil flerta com o impossível. O período compreendido entre 1954-5 a 1967 corresponde, do ponto de vista profissional, à sua saída da chefia de gabinete do Ministro João Neves da Fontoura, a nomeação para o Conselho de Fiscalização das Expedições Artísticas e Científicas do Brasil; a dispensa da chefia da Divisão de Orçamento, do Departamento de Administração do Itamaraty e a nomeação para a chefia da Divisão de Fronteiras do Departamento Político e Cultura da instituição.

Esse período corresponde também à eleição presidencial e ao início do governo JK, que era amigo de Rosa, médico como ele, e que o promove a embaixador, sem que para isso tivesse sido destinado a uma embaixada. Rosa tornou-se, assim, um embaixador sem embaixada. Do ponto de vista institucional, essa época reforça sua aproximação com a Sociedade Brasileira de Geografia e com o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE) e implica, também, sua primeira tentativa de concorrer a uma cadeira na ABL, em 1957, e a segunda tentativa, em 1963.

Do ponto de vista artístico, corresponderia ao período de escrita dos livros *Corpo de Baile* e *Grande Sertão: Veredas*, publicados, ambos, em 1956; trata-se de período

epistolar rico e de sua conseqüente consagração como artista, mediante sucesso de público e crítica, e imediata comercialização de seus direitos autorais para vários idiomas. Sobre o Guimarães Rosa artista há um gigantesco volume de material publicado entre artigos, dissertações, teses, textos apresentados em congressos e colóquios nacionais e internacionais, que vem tentando dar conta dos limites que sua obra impõe. Neste sentido, o Fundo JGR continua possibilitando pistas e diálogos variados para a expansão interpretativa da obra.

Do ponto de vista pessoal, o período corresponde à sua mudança em definitivo para a rua Francisco Otaviano, 33, apartamento 501, em Copacabana, bem de frente à Praia do Diabo, no Arpoador. Corresponde ao enfrentamento de constantes debilidades e problemas de saúde física; a morte de animais de estimação muito queridos (os gatos Tout-Petit, Boyzinho, Xizinha e o cão Suinguinho); a convivência com Aracy; o medo da morte; a organização de seu arquivo pessoal; o casamento da filha Vilma; o casamento do enteado Eduardo Tess⁴; o nascimento dos netos (dele e) de Aracy; novas viagens internacionais; a consolidação

de amizades; a imensa troca de correspondências com seus tradutores e o falecimento.

O romance-reportagem

Como dissemos, adotaremos como modelo discursivo final para esta pesquisa o gênero romance-reportagem. Chamamos de romance-reportagem a “narrativa em que se realiza uma síntese entre a necessidade de interpretação do romance e a necessidade de informação da reportagem” (COSSON, 2001, p. 14). Se a História opera com a categoria do passado, a técnica do romance-reportagem, ou do perfil biográfico inspirado nas lições do jornalismo literário, é um complexo que opera com o presente imediato⁵. Ao evocar o passado, é preciso agir como historiador: evocá-lo da maneira mais completa possível, fazer uso de algum virtuosismo retórico e saber reconstruir períodos. No entanto, o nosso conhecimento do passado “é inevitavelmente incerto, descontínuo, lacunar: baseado numa massa de fragmentos e ruínas” (GINZBURG, 2007:40).

As técnicas do perfil biográfico no romance-reportagem, contudo, prezam por procedimentos complexos, alinhavados ao longo da redação do material, que visam a explorar

4 Filho do primeiro casamento de Aracy. Enteado de Rosa.

5 Neste sentido, descreveremos o escritor no período entre 1908 e 1967, revelando as suas condições de vida, o seu dia a dia, seus gostos, amizades, leituras, desafios, vícios etc., na captura dos eventos presentes (ou de qualquer de seus correlatos contemporâneos).

também as incertezas, as lacunas, os não ditos, ao lado de fatos objetivos, com vistas sempre à unidade ao conjunto. A escolha inicial da noção “perfil” pareceu-nos adequada pela ideia de problematizar o imaginário a partir de uma aproximação entre o campo da História e do Jornalismo.

Os historiadores (e, de outra maneira, também os poetas) têm como ofício alguma coisa que é parte da vida de todos: destrinchar o entrelaçamento de verdadeiro, falso e fictício que é a trama do nosso estar no mundo. (GINZBURG, 2007, p. 14)

Segundo Cosson (2001) a recepção crítica do romance-reportagem no Brasil mostra um contorno oscilante entre dois gêneros diferentes: a reportagem e o romance. As leituras desse tipo de narrativa têm optado por negar-lhe uma identidade própria, solucionando, pelo *lado* literário ou pelo *lado* jornalístico, o relacionamento por demais ambíguo que o romance-reportagem mantém tanto com a literatura como com o jornalismo. Muitas vezes, o romance-reportagem é tomado ora como fenômeno restrito de uma época determinada – a década de 1970 no Brasil, quando muitos jornalistas migraram para a literatura –, ora como o resultado de uma importação cultural, o modelo norte-americano do romance de não ficção, o qual deliberadamente misturava realidade e ficção. Tanto num caso como no outro, a discussão sobre o romance-reportagem não se dirigia

diretamente à constituição do próprio texto, mas à sua origem.

Não é sem razão, portanto, que a expressão romance-reportagem é empregada, sem compromisso conceitual pela crítica, para designar um vago e polivalente amálgama de características diversas levadas do jornalismo para a literatura ou da literatura para o jornalismo. (COSSON, 2001, p. 80)

Para Cosson, são poucos os críticos que realmente se empenham em estudar e discutir a natureza desse tipo de narrativa. Encontra-se, no entanto, no estatuto discursivo deste tipo de gênero a razão maior para que ele não tenha sido ainda compreendido como um gênero narrativo específico, com suas marcas próprias e distintas do romance e da reportagem. Como narrativa específica, o romance-reportagem situa-se, ambigualmente, pelo seu *lado* do romance, como paralelo à literatura e, pelo seu *lado* de reportagem, como paralelo ao jornalismo. É isso o que o faz “paraliterário” e “parajornalístico” a um só tempo. A leitura de um romance-reportagem que leve em conta apenas o *lado* romance ou apenas o *lado* reportagem será sempre empobrecedora desse tipo de texto, adverte Cosson.

Paraliterário e parajornalístico em seu estatuto discursivo, é certo, porém, que o romance-reportagem parece constituir-se, como gênero autônomo, em sua caminhada que vai do jornalismo para a literatura, ou melhor, em uma caminhada que tem no

jornalismo o ponto de partida e, na literatura, quem sabe um dia, o de chegada efetiva. (COSSON, 2001, p. 80)

Gênero de trânsito ou de transição, o romance-reportagem corre também o risco de se aproximar demais, discursivamente, da narrativa literária, da fantasia, da invenção despropositada, para ‘perder-se’ na ficção. A atenção à linha tênue entre a verdade factual e a ficcional deve ser sempre explorada e trabalhada. Justamente por ser ambíguo, não acreditamos que o romance-reportagem deva renunciar à sua condição literária, para assumir-se apenas como reportagem, tornando-se livro-reportagem. A ambiguidade que cerca o estatuto discursivo do romance-reportagem não deve servir de empecilho para confirmar a sua condição de gênero autônomo, muito pelo contrário. É justamente a ambiguidade que determina a impossibilidade de uma leitura definitiva do romance-reportagem como literário ou como jornalístico, uma vez que a definição para um *lado* ou para o outro, significa a sua morte como hibridação de ambos os gêneros em uma nova forma de narrar.

É por isso que, em nossa pesquisa, o romance-reportagem pode e deve ser pensado dentro dos seus aspectos metodológicos. O recorte longitudinal, por exemplo, nos auxilia porque

cria *per si* um *modus operandi* compreensivo a partir de uma cronologia específica, o que, obviamente, não é suficiente para entender um personagem da complexidade de Guimarães Rosa. No entanto, ajuda-nos na organização e na sistematização, ao menos, de seu acervo, do ponto de vista linear e na estruturação de uma narrativa específica. Tal linearidade é o primeiro passo a ser administrado/gestado na complexidade de informações presentes no Fundo JGR. Essa complexidade não significa necessariamente desordem, mas abriga, antes, uma ordem provável, possível de ser explorada e estabelecida. Ela pode ser explorada também pelo que chamamos, a partir de Edgar Morin⁶, de metodologia da complexidade.

O conceito de metodologia da complexidade refere-se àquela atividade sistemática de pesquisa que busca dar conta da totalidade dos eventos analisados. Obviamente, a totalidade é impossível de ser alcançada, mas trata-se, contudo, de ponto de vista fenomenológico, hologramático, quase transcendental, algo que não necessita ser evitado mesmo devido a tal dificuldade. A totalidade de um perfil visto a partir de um arquivo pessoal implica muitos hologramas, imagens-ideias ou ideias-forças,

como cruzamentos de dados, imbricamentos e linhas de fuga, e um certo desejo de coerência. Entendemos, nesse sentido, que o Fundo JGR não reconhece fronteira disciplinar, mas que guarda, segreda ou camufla muitos hologramas, ou “fantasmas”, “imagens fantasmas” de Guimarães Rosa, no sentido⁷ descrito pelo historiador Aby Warburg (2016). O Fundo JGR guarda os saberes da *inter* e da *transdisciplinaridade*, saberes que se interconectam, que se aproximam e que reúnem em si conhecimentos advindos de áreas diversas, as quais apresentam graus diversos de complexidade. É um acervo em que se pode praticar a religação e o vínculo sistêmico, em que se pode atuar em campo aberto, dialógico e polilógico⁸ por excelência – entre saberes.

Uma “metodologia na complexidade” pode utilizar e recorrer, por vizinhança temática e imagética, à noção de “multiplicidade”, e é ela que nos ajuda, por sua vez, a compreender outros níveis a serem enfrentados

e analisados, a exemplo das relações, das obras, dos interesses e das personas artísticas-e-intelectuais de JGR. Esta multiplicidade/complexidade está engendrada entre a combinatoria de experiências, informações, leituras, imaginações; cruzamento de fatos e impulsos, que formaram, da vida do escritor mineiro, um estatuto enciclopédico, de biblioteca, inventário, no qual, tudo pode ser continuamente remexido e reordenado⁹. Acreditamos que a aproximação entre a multiplicidade e a complexidade é a maneira adequada de conformar o perfil intelectual e biográfico de JGR.

Noções como “multiplicidade”, “complexidade”, “veredas”, “travessias” e “infinito”, são algumas dessas imagens-ideias ou ideias-força, que nos ajudam a pensar as condições de possibilidade de relacionar a Comunicação a uma teoria do imaginário que busca no “Aberto” (HEIDEGGER, 1998) seu pressuposto fundamental. Travessia, infinito, complexidade e imaginário são ‘ultrapassagens’, ‘entremeios’¹⁰,

7 Sentido de “Engrama”, em que gestos ou imagens vão se decompondo no tempo, mas que mantêm “vestígios”, cenas ou “pathos” que se recompõem em novas configurações da imagem primeira. Cf. WARBURG, A. **Histórias de fantasmas para gente grande. Escritos, esboços e conferências**. São Paulo: Cia. das Letras, 2016.

8 Cêntrico, acêntrico e policêntrico.

9 CALVINO, I. *Seis propostas para o próximo milênio*. São Paulo: Cia das Letras, 1990, p.138.

10 “Entremeio. com o Vaqueiro Mariano”, conto/crônica de Rosa presente em *Estas Estórias* (2015). Entremeio, no dicionário Michaelis (1998), é 1) “intermédio”; 2) “renda bordada em tira, entre espaços lisos”, 3) “região do corpo da vaca entre as nádegas e as costas, atrás do úbere. Neste *entremeio*: neste meio tempo; entrementes”.

‘sistema-de-sistemas’ e níveis de realidade¹¹, que podem ser compreendidos como hologramas. Uma teoria do imaginário, que busca na noção de “Aberto” sua fundamentação, tenta compreender os nexos ilimitados da “conexão pura”, como a abertura “no sentido da ilimitação em que tudo vigora” (Idem, 1998). O “Aberto” é, a partir dessa definição, o “círculo mais vasto”, aquilo que circunscreve tudo o que é; a circunscrição que *circun-une*; a micro e a macrosfera, o envolvimento e a proximidade das “relações fortes”¹². Ao apostar no Aberto e em sua proximidade com o imaginário da literatura e da comunicação, apostamos em uma epistemologia e em uma experiência com os elementos do conjunto das conexões – até mesmo daquelas que se encontram desconhecidas, ocultas ou camufladas.

Temos utilizado às vezes “imaginário” e “Aberto” como sinônimos, próximos de uma comunicação ou de uma “literatura de complexidade”¹³ que define, muitas vezes, a forma de abordagem e o tratamento narrativo que abarca em si diversos níveis de realidade e se faz, por isso mesmo, sistêmica (no sentido de

sistema aberto). Sistêmica e complexa porque lida simultaneamente na escritura do real e do imaginado, do “falso, do verdadeiro e do fictício” (GINZBURG, 2007); da fantasia, do sonho em proximidade do não ficcional, em seus caracteres relacionais, dialógicos e produtores de conhecimento. O Aberto aproxima e correlaciona o imaginário em suas faces e infinitos, reitera a mesma complexidade, aproxima a imaginação do documento, o jornalismo da literatura ou narração histórica e narração ficcional.

Se “o jornalismo é o império dos fatos, e a literatura é o jardim da imaginação” como definiu Cosson (2002), podemos pressupor que o discurso literário e o jornalístico não correspondem a realidades estanques, mas intercomunicantes. Quando unimos, então, o romance ou o conto à reportagem, encontramos um aparente espaço de contradição. Cosson vê ao mesmo tempo, entre ambas, uma recusa deliberada e uma aproximação desejada. Essa contradição aparente entre recusa e aproximação começa com o próprio surgimento do romance-reportagem no Brasil, na década de 1970.

11 “Sistema de sistema” (Palomar) e “Níveis de Realidade” (Una pietra sopra) são definições de Italo Calvino que nos ajudam a pensar o infinito e a complexidade.

12 Peter Sloterdijk desenvolveu, a partir de Heidegger, uma “Teoria da Comunicação Afetiva” e uma “Crítica da razão participativa.” Cf. SLOTERDIJK, P. **Esferas 1**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016. (Ver também os Vols. 2 e 3.)

13 CASTRO, G. **Jornalismo literário – uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

Inicialmente título dado a uma coleção da *Civilização Brasileira* pelo seu editor Ênio Silveira, o termo romance-reportagem pretendia recobrir apenas um conjunto de obras baseadas em episódios reais vazados em uma narrativa que adotava contornos ficcionais. Graças ao grande sucesso de vendas do segundo título da coleção, *Lúcio Flávio, o passageiro da agonia*, de José Louzeiro, o qual vende em quatro meses cerca de dez mil exemplares, a expressão se vulgariza rapidamente e passa a ser denominação tanto de um tipo particular de narrativa que mistura literatura e jornalismo, quanto uma das tendências dominantes na ficção brasileira da década de 1970. (COSSON, 2002, p. 62).

Para Cosson, o romance-reportagem é um tipo particular de narrativa que mistura literatura e jornalismo configurando um “novo lugar” para a narrativa. A criação desse novo *topos*, diz ele, talvez seja a maior contribuição do gênero para a cultura brasileira. Se pensarmos que as técnicas de apuração, checagem, pesquisa, coleta, seleção e divulgação entram na literatura pela porta do jornalismo, veremos que isso não deixa de ser um hibridismo saudável e necessário. No campo do talento, da técnica e da sapiência na aplicabilidade da narrativa, tudo parece permitido a esse gênero, até mesmo fugir do modelo do realismo social dado pelos mentores do *New Journalism* americano.

Conclusões

A intenção deste artigo foi a de apresentar a construção provisória de uma trama

narrativa cronológica mediante pesquisa interpretativa realizada no Fundo JGR/IEB-USP. Quais imagens-ideias ou ideias-força (ou quais vestígios) de Guimarães Rosa podem nos servir para perfilar um holograma coerente e consistente a seu respeito? Como ordenar a complexidade de seu arquivo a fim de operar a ‘montagem’ de seu perfil, para além de suas obras? Que afetos e imaginários podem ser compartilhados? Acreditamos que o arquivamento de memórias, objetos, folhas e fotografias tem sempre uma intenção biográfica. O sinal “M%”, como dissemos, é uma constante nas anotações do escritor; significa “minha porcentagem” ou “minha parte”; indica ele mesmo, é a sinalização de que ele se diferencia da massa de informações que coleta.

A decisão de unir pesquisa documental com reconstrução imaginária, advém de diversos outros debates teóricos, experimentos e exercícios de estilo publicados, sobretudo desde 2002, ou a partir de minha tese de doutoramento sobre Italo Calvino; com a publicação, no mesmo ano, do livro-coletânea *Jornalismo e Literatura – A sedução da palavra* (2002), em que esse debate é modularmente aprofundado. Posteriormente, esses debates, experimentos e exercícios retornaram na escrita de *O Enigma Orides* (2015), vencedor do Prêmio Itaú Cultural, na categoria “Literatura”, embora o livro adote o gênero romance-reportagem.

Esta longa convivência com o tema mostra que não é difícil perceber que o termo “romance-reportagem” não é um gênero consolidado, e sua noção ainda carece de maior aprofundamento conceitual, do mesmo modo que seus aspectos narrativos não estão ainda claramente determinados e delimitados. Seria isso possível? Tomando o romance-reportagem como parte do jornalismo ou da literatura, observamos que a maioria dos críticos jornalistas ou dos críticos literários mantêm com o gênero uma relação próxima, mas, a nosso ver, ainda de estranhamentos, desconhecimentos e efêmera problematização. Não se problematiza com maior vigor, por exemplo, a duplicidade e a ambiguidade que a noção comporta e sugere, mesmo que seja para dizer que existe uma tendência a enfatizar mais o *lado* literário, desprestigiando para isso o *lado* jornalístico ou vice-versa. Ligado à dificuldade de categorizar, o romance-reportagem é um terceiro elemento, que filia ambos os gêneros e pode ser considerado, a meu ver, uma inteligência narrativa e um modo particular de praticar cada um deles.

Situado na fronteira do discurso literário e do discurso jornalístico, o romance-reportagem requer, para sua leitura, a elasticidade desta linha fronteira, que separa, mas que também une, realidade e ficção. Trata-se de estratégia narrativa realista, dentro de padrões que exigem o respeito

e a proximidade com a verdade factual, mas sem abrir mão da imaginação. É fato que o romance-reportagem já lida com a ideia de verdade e de realidade factual ao questionar os seus próprios limites, como vemos hoje com as produções e os novos exercícios de linguagem e as experiências narrativas contemporâneas. Essas experiências vêm abrindo a noção, fazendo com que o romance-reportagem deixe de ser visto apenas como uma literatura de realidade para ser visto como literatura de complexidade, em que vários níveis de realidade fazem-se presentes.

Temos utilizado nos últimos anos justamente o termo “Literatura de Complexidade” (CASTRO, 2010) para definir a forma de tratamento da escritura que abarca em si diversos níveis de realidade e se faz, por isso mesmo, sistêmica. Sistêmico e complexo porque lida simultaneamente na escritura com o real e o irreal, o falso e o verdadeiro, o ficcional e o não ficcional em seus caracteres relacionais, dialógicos e produtores de conhecimento.

Referências

- ACERVO JGR-IEB/USP. IN: BIBLIOTECA BRASILIANA GUITA & JOSÉ MINDLIN. Consulta em: <http://www.ieb.usp.br/acervo/>
- CALVINO, I. **Seis propostas para o próximo milênio**. São Paulo: Cia das Letras, 1989.
- CASTRO, G. **Jornalismo literário × uma introdução**. Brasília: Casa das Musas, 2010.

CASTRO, G.; GALENO, A.; SILVA, J. C da. (Org.) **Complexidade à Flor da Pele**. São paulo: Cortez, 2003.

CASTRO, G.; GALENO, A. **Jornalismo e Literatura × a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

CASTRO, G.; DRAVET, F.; CURVELLO, J. **Os Saberes da Comunicação**. Brasília: Casa das Musas, 2007.

CASTRO, G.; DRAVET, F. **Comunicação e Poesia. Itinerários do Aberto e da Transparência**. Brasília: UnB, 2014.

COSSON, R. **Romance-reportagem: o gênero**. Brasília: Editora da UnB/Imprensa Oficial, 2001.

_____. “Jornalismo e Literatura: o império contaminado.” IN: CASTRO, G. GALENO, A. **Jornalismo e Literatura × a sedução da palavra**. São Paulo: Escrituras, 2002.

FONTELA, Orides. **Toda palavra é crueldade × Depoimentos, entrevistas e resenhas**. Belo Horizonte: Ed. Moinhos, 2019.

GINZBURG, C. **O fio e os rastros**. São Paulo: Cia das Letras, 2007.

HEIDEGGER, M. “Para que poetas” In: **Caminhos de Floresta**. Lisboa: Fundação Calouste Gubelkian, 1998.

JUARROZ, Roberto. **Poesia y creación**. Buenos Aires: Ed. Carlos Lohlé, 1980.

MORIN, E. **Ciência com consciência**. Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 1996.

PANIAGO, P. **O gênero perfil nas revistas The New Yorker e Realidade**. Tese. PPGCOM/UnB, 2008.

SLOTEDIJK, P. **Esferas 1**. São Paulo: Estação Liberdade, 2016.

WARBURG, A. **História de fantasmas para gente grande**. São Paulo: Cia das Letras, 2015

IN SEARCH OF GUIMARÃES ROSA: The process of building a biography

Abstract

This article is a critical and self-critical account on the production of a deepened biographical profile of João Guimarães Rosa (1908-1967), based on the JGR/IEB-USP archive. A timeline of the Minas-born writer's life is devised based on the documentation available at JGR/IEB-USP, through the gathering and cross-referencing of data contained in letters, notebooks, diaries, news pieces, as well as public, professional and artistic events. The archive of Rosa's wife, Aracy Moebius de Carvalho, will also be extensively analysed, as a means to deepen the biographical information related to Guimarães Rosa. The article also aims at questioning the concept of non-fiction novel, based on literary journalism methodologies, particularly those related to the complexity and the imaginary.

Keywords

Guimarães Rosa. Biography. Journalism.

EN BUSCA DE GUIMARÃES ROSA: El proceso de construcción de una biografía

Resumen

Relato crítico y autocrítico de la elaboración de perfil biográfico profundizado de João Guimarães Rosa (1908-1967) a partir del acervo JGR/IEB-USP. Constitución de una línea del tiempo del escritor a partir de la documentación presente en el fondo JGR/IEB-USP, mediante la correlación y reunión de datos contenidos en cartas, cuadernos, diarios, noticias de periódicos y acontecimientos públicos, profesionales y artísticos. En la reunión de estos datos se analizará extensivamente el archivo de su esposa, Aracy Moebius de Carvalho, como forma de profundizar las informaciones biográficas relativas a Guimarães Rosa. El texto pretende problematizar también la noción de romance-reportaje, a partir de las metodologías del periodismo literario, sobre todo a la de la complejidad y del imaginario.

Palabras clave

Guimarães Rosa. Biografía. Periodismo.

Gustavo Castro Silva

Doutor em Ciências Sociais pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo e professor da Faculdade de Comunicação da Universidade de Brasília. | E-mail: gustavodecastro@unb.br
ORCID: <https://orcid.org/0000-0001-7126-6947>